

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA A
EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Helena de Souza Costa

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS
INTERNOS DA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL SARANDI**

Belo Horizonte
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Maria Helena De Souza Costa

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS
INTERNOS DA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL SARANDI**

Trabalho de Conclusão de curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Maria Carolina da Silva Caldeira

BELO HORIZONTE

2019

C837e
TCC

Costa, Maria Helena de Souza, 1971-

Educação ambiental e a resignificação dos espaços internos da escola municipal da educação infantil Sarandi [manuscrito] / Maria Helena de Souza Costa. - Belo Horizonte, 2019. 36 f., il.

Inclui bibliografia

Trabalho de Conclusão de Curso -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Maria Carolina da Silva Caldeira

1. Educação infantil. 2. Geografia. 3. Espaço em geografia. 4. Aprendizagem experimental. 5. Educação ambiental. 6. Movimento.

I. Caldeira, Maria Carolina da Silva. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. III. Título.

CDD - 363.70071

Catálogo da Fome* : Biblioteca da FAE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivaney Duarte. CRB6 2409

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica[†].)

* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO SEPTUAGÉSIMO OITAVO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Educação ambiental e a ressignificação dos espaços internos da Emei Sarandi”, do(a) aluno(a) **Maria Helena de Souza Costa**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Maria Carolina Silva (orientador) e Camila Amorim Campos. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 91, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Maria Helena de Souza Costa
Maria Helena de Souza Costa

Registro na UFMG : 2018749751

Maria Carolina da Silva Calderira
Maria Carolina Silva
Professor(a) Orientador(a)

Camila Amorim Campos
Camila Amorim Campos
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

MARIA HELENA DE SOUZA COSTA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS
INTERNOS DA EESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL SARANDI**

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a) Dra. Maria Carolina da Silva Caldeira – Faculdade de Educação da UFMG
Orientadora

Camila Amorim Campos – Faculdade de Educação da UFMG

Compartilho este trabalho com todos aqueles que como eu, amam a educação infantil. As minhas amigas. São tantas! Aos meus pais! À minha orientadora, Professora Maria Carolina, pelo apoio, paciência, ensinamento e contribuições, sem os quais este trabalho não seria possível. A minha família e a muito amada filha Sarah Eliza pela paciência com minhas ausências. E a todas as crianças da turma do triângulo.

A educação do homem começa no momento do seu nascimento; antes de falar, antes de entender, já se instrui. (Jean Jacques Rousseau)

RESUMO

O presente trabalho aborda uma possibilidade de prática educativa voltada para as necessidades de movimento das crianças, ressignificando os espaços da escola de educação infantil. Trata-se de uma intervenção na própria prática realizada com as crianças de três anos, da turma do triângulo, da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Sarandi. Apresenta-se uma análise crítica da atividade desenvolvida e fundamentada em autores como Callai (2005), sobre a aprendizagem da geografia na educação infantil e como a criança constrói a noção de espaço a partir da leitura que faz do mundo à sua volta, dando sentido e ressignificando-o. Para isso, foram realizadas atividades que favorecem a criança a olhar os espaços da escola como um lugar que acolhe. As atividades também procuram fazer com que a criança seja protagonista da apropriação do espaço, não se resumindo apenas a sala de aula. Quis também dar relevância às observações das crianças em relação ao espaço externo próximo à escola que foi desmatado. A partir disso, procurei trazer também uma conscientização sobre a educação ambiental. Foram feitas, ainda, análise de questionários que foram aplicados ao corpo docente da instituição, desenhos feitos pelas crianças de quais espaços mais lhes agradavam, leitura de artigos e obras de autores como o citado acima dentre outros. A análise permitiu uma reflexão sobre a prática e compreensão das possibilidades de envolver as crianças em momentos de aprendizagem que respeitem seu desejo e necessidade de movimento, ao mesmo tempo em que favoreçam a aprendizagem.

Palavras-chave: Espaço. Movimento. Geografia. Educação infantil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA.....	12
3 CARACTERIZAÇÃO DA REALIDADE LOCAL DA EMEI SARANDI.....	14
3.1 Sobre a Emei.....	14
3.2 O espaço físico na Emei Sarandi	15
3.3 Sobre o território.....	16
3.4 Caracterização da turma do triângulo 2019.....	16
4 REFERENCIAL TEÓRICO	18
4.1 Geografia, espaço físico e educação infantil	18
4.2 Construção da noção espacial. Como a prática escolar auxilia na ressignificação do espaço como um todo	20
4.3 Corpo e movimento na educação infantil	23
4.4 Educação ambiental na educação infantil	26
5 ANÁLISE DE QUESTIONÁRIOS	29
6 PLANO DE AÇÃO	30
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
8 REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Como educadora, sei da importância dos espaços em uma instituição de educação infantil e da sua relevância em todo o processo educacional. Na Emei Sarandi é de comum acordo entre as professoras que o espaço físico da escola é pequeno. O meu interesse por esse tema é baseado na minha prática, na minha vivência como professora. Começou durante a realização de algumas práticas curriculares como pintura com tinta guache, jogar bola e outras atividades que estão no currículo da educação infantil. Percebia certo transtorno ou tumulto quando me propunha a fazer esse tipo de atividade. A forma como muitas vezes percebemos os espaços dentro e fora da sala de aula, como organizamos os lugares dificulta ou facilita as possibilidades de interações entre as crianças, a falta de espaços físicos também é outro elemento que dificulta a movimentação das crianças. A criança necessita deslocar-se, mover-se no espaço físico, mover-se no mundo. Ao adulto cabe mediar para que isso aconteça de forma que favoreça as habilidades motoras. Como afirmam Barbosa, Horn (2001, p. 73)

Os autores que falam sobre desenvolvimento infantil, representantes dos mais diferentes referenciais teóricos, são unânimes em afirmar que as aquisições sensoriais e cognitivas das crianças tem estreita relação com o meio físico.

Isso demonstra que o espaço físico é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Ela está imersa no ambiente. E como restringir a criança para que não experimente o mundo através do corpo, através dos sentidos? Essas foram questões que me chamaram atenção.

Atuei em 2018 em uma turma de crianças com idade de dois anos, em período integral. Eram crianças que ficavam na escola no horário de 07h00min até as 17h00 min. A escola não dispunha de espaço diversificado para que essas crianças pudessem realizar atividades extracurriculares de forma a amenizar um possível cansaço ou indisposição causados pelo longo período de dez horas diárias

dentro do mesmo ambiente. O estar na sala de aula por um período tão extenso fez-me repensar a prática educativa. Pensava: “Tenho que fazer algo para essas crianças.” Ficava preocupada com essa situação, e não podia ficar esperando que a escola enquanto instituição modificasse a estrutura física. Então, em um momento reflexivo, percebi que precisava modificar o que era perceptível para mim. Pensei em como proporcionar a essas crianças momentos de aprendizagens, aproveitando outros lugares, ainda que pequenos, com atividades significativas que as envolvessem. Essa inquietação me levou a pensar, refletir, mudar as vivências da criança dentro da instituição.

Venho neste trabalho salientar a importância e a utilização do espaço físico na Emei Sarandi e sua relevância no processo de aprendizagem das crianças. Quero unir outro aspecto, que é a educação ambiental. Quero refletir sobre como eu posso intervir nesse espaço para um melhor aproveitamento do mesmo. O meu objetivo geral foi proporcionar às crianças da turma de três anos, do período da tarde da Emei Sarandi, práticas de apropriação do espaço por meio de atividades voltadas à educação ambiental e à ressignificação do espaço, utilizando outros espaços da escola de forma prazerosa e significativa, saindo do contexto de sala de aula. Quero refletir sobre como eu posso intervir nesse espaço para um melhor aproveitamento do mesmo. Quero também saber como o espaço físico da Emei Sarandi é compreendido pelos professores desta escola e qual espaço da escola a criança mais aprecia.

Para isso, utilizei de análise de questionários realizados com o corpo docente. Também realizei com as crianças da turma de três anos, do horário da tarde, um registro de desenho feito sobre qual o espaço elas preferem na instituição. Como plano de ação, utilizei de espaços ociosos, como a área externa próxima ao muro, para dar a esse lugar outras utilidades. Essa área inicia próxima à cozinha da escola e vai até a outra extremidade em linha reta. Há uma incidência de sol e sombra e, por isso, fica mais apropriada à execução de uma tarefa que contemple a educação ambiental. Essa será realizada com as crianças dessa turma, na qual após a conscientização acerca do espaço físico e da questão ambiental, propusemos a construção de um jardim suspenso ao muro. Para isso, as crianças trouxeram de casa plantas como suculentas, cactos e kalanchoes.

Havia próximo da escola uma extensa área verde que foi desmatada para construção de prédios. Constantemente eram apreciados os animais que podiam ser vistos neste lugar, como diferentes pássaros, de tamanhos variados; cavalos que se alimentavam desse mato que havia lá, além de outros animais, como cobra e cachorros. Atualmente a área destinada à construção de casas ou apartamentos é cada vez menor. As famílias estão ficando menores. Não há famílias numerosas como décadas atrás. As construções estão ficando cada vez menores, com apartamentos e áreas pequenos pra atender esse novo formato de famílias.

Conscientizar sobre a importância do espaço físico para o desenvolvimento de habilidades motoras e a percepção de mundo fez-me modificar a prática educativa. Apropriar e ressignificar o espaço, decorando-o com plantas ornamentais dentro do viés da educação ambiental, acredito ser eficaz de alguma forma para incentivar as famílias e as crianças para as questões ambientais bem como a preservação do ambiente. Nesses locais, serão desenvolvidas atividades e brincadeiras para problematizar a ideia de que só no parquinho é lugar de brincar e que é possível utilizar outros espaços para aprendizagem que não apenas a sala de aula. As turmas de crianças do horário integral passavam a maior parte do tempo em sala de aula, o que pude observar que era motivo de inquietações, porque era exigido, por mim mesma, enquanto professora da turma, um comportamento que contemplasse a disciplina e a ordem.

De forma simples e com atividades práticas, busquei atender a esse fator relacionado ao espaço físico e ao modo como são vistos os espaços desta escola, apontando novos olhares ou possibilidades para esse assunto. Para nortear esse momento de reflexão utilizarei o que as autoras Maria Carmem Silveira e Maria da Graça Souza Horn, dizem sobre esse tema. A construção da noção espacial foi baseado nas autoras Leticia Guimarães Amorim e a Helena Copetti Callai.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi inspirado por uma reflexão e mudança de posicionamento de ideias sobre como utilizar o espaço físico da EMEI Sarandi, escola que atuo desde 2015. Uma inquietação me levou a pensar sobre o assunto (Educação ambiental e a ressignificação dos espaços internos da Emei Sarandi) e descrevê-lo, de forma simples. Para alcançar os objetivos propostos, utilizei da pesquisa bibliográfica que abrange o tema em questão. A pesquisa bibliográfica modificou as ideias preconcebidas que eu tinha em relação ao espaço físico e à utilização dele.

Para compreender as percepções dos docentes da Emei a respeito do espaço, foi feito um questionário com dez professoras que atuam nos turnos da manhã e da tarde. O questionário tinha sete questões. Conforme anexo no final do trabalho.

Para realizar a intervenção com as crianças da turma do triângulo, iniciei com uma roda de conversa, buscando como base o espaço que as crianças mais gostam na escola e o motivo. É muito intensa a percepção clara das crianças em relação ao espaço de brincar. Na verdade, qualquer lugar que a criança estiver, ela é capaz de ressignificá-lo, dar um sentido diferente para o mesmo. Cabe ao professor direcionar de forma prazerosa e objetivando aprendizagens significativas, em qualquer ambiente de uma instituição de educação infantil. Também foram feitas intervenções pedagógicas nos espaços vazios da escola e reuniões com as famílias, conscientizando-as acerca do cuidado e preservação ambiental. Na reunião com as famílias, também esclarecemos a respeito da construção do jardim, para que as mesmas enviassem as mudas de plantas ornamentais do tipo suculentas, mini cactos e kalanchoes, para que as crianças fizessem o plantio. As crianças não cortaram as garrafas pets. Isso foi feito pela professora mesmo. Devido ser um material mais duro e o uso de instrumento cortante. Foram cortadas garrafas de plástico para que nesse recipiente fossem plantadas as mudas das plantas que as crianças trouxeram. Essas plantas foram penduradas em um pallet que foi doado para a escola. Isso porque em rodas de conversas o tema educação ambiental foi abordado com as crianças durante todo o tempo, observando o cuidado bem como a preservação com o ambiente em que estamos inseridos, pois estamos imersos nele. Aconteceram duas reuniões com os pais para falarmos do projeto.

Aproveitamos a reunião de início de ano para expor as ideias. E a reunião do mês de agosto. Todos os pais compareceram, demonstrando grande interesse na parceria.

3 CARACTERIZAÇÃO DA REALIDADE LOCAL DA EMEI SARANDI

3.1 Sobre a Emei

A Escola Municipal de Educação Infantil Sarandi é uma instituição que está situada no bairro Sarandi, na Rua Deputado Augusto Gonçalves, nº 156. Atendia crianças na faixa etária de 0 (zero) a 5 (cinco) anos de idade. Porém, atualmente o atendimento às crianças foi modificado, pois a partir do ano de 2018 a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte optou por não atender as crianças de berçário nas Emeis. Isso veio associado a um grande número de professores excedentes na instituição. Já em 2019, a Emei atende apenas crianças com a idade de 01 a 05 anos e 8 meses de idade. Somente uma turma funciona em horário integral, sendo que todas as outras turmas funcionam em horário parcial. A Emei Sarandi foi construída no ano de 2015. O atendimento iniciou em 23 de novembro de 2015. A inauguração foi realizada com a presença do então prefeito, Márcio Lacerda, e ocorreu no dia 05 de março de 2016. A história da instituição remonta ao tempo em que o espaço era um grande terreno baldio localizado logo em frente a um conjunto de prédios intitulado Sarandi, nomenclatura que influenciou a escolha do nome dessa instituição. A Emei Sarandi foi construída para o atendimento infantil, resultado também do processo de ampliação de unidades de educação da prefeitura de Belo Horizonte. O prédio foi construído com instalações adequadas de acordo com as necessidades desse público. A Emei Sarandi é uma instituição pública municipal, localizada na Rua Deputado Augusto Gonçalves, nº 150, Bairro Serrano, Região Pampulha de Belo Horizonte. Atende neste ano de 2019 a 397 crianças.

O quadro funcional encontra-se distribuído da seguinte forma:

- 01 diretora
- 01 secretária
- 01 coordenadora
- 38 professores
- 02 auxiliares de secretaria
- 06 auxiliares de apoio ao educando
- 02 porteiros
- 04 faxineiras

- 06 cantineiras
- 01 professora em readaptação funcional apoiando a secretaria
- 02 apoios à coordenação (uma na parte da manhã e outra na parte da tarde)

3.2 O espaço físico na Emei Sarandi

Essa escola foi construída através de uma parceria público privada entre a PBH e a construtora Odebrecht.¹

A instituição possui ao todo:

- 01 (um) parquinho
- 01 (uma) sala de berçário
- 01 (uma) biblioteca/vídeo/multiuso
- 01 (uma) sala de professores
- 01 (um) fraldário
- 03 (três) sanitários para adultos sendo: 01(um) unissex, 01(um) masculino e 01 (um) feminino.
- 06 (seis) sanitários infantis sendo: 02 (dois) feminino e 02 (dois) masculino e 01 (um) unissex e 01 (um) dividido em feminino e masculino. E dentro desses há 04 (quatro) banheiros especiais
- 12 (doze) salas de aula
- 01 (um) depósito para material de limpeza e higiene
- 01 (uma) cozinha industrial
- 01 (uma) dispensa de alimentos secos
- 01 (uma) dispensa de alimentos refrigerados
- 01 (uma) secretaria
- 01 (uma) sala de coordenação/direção
- 01 (um) refeitório
- 01 (um) depósito externo
- 01 (uma) área de serviços/lavanderia

¹ O terreno onde a Emei foi construída pertence ao município e a empresa Odebrecht se responsabiliza pela construção e manutenção predial durante o período de 20 anos, tempo de duração do contrato.

- 01 (um) vestiário para funcionários dos serviços gerais
- 01 (uma) garagem/estacionamento pequeno
- 01 (um) elevador
- 01 (um) depósito de material de papelaria

Esses espaços são pequenos, não atendendo às demandas que extrapolam a rotina da escola.

3.3 Sobre o território

A Emei atende aproximadamente 32% das crianças que residem no mesmo bairro que a escola, mas também atende crianças dos bairros Urca, Confisco, Santa Terezinha, Itatiaia, São Joaquim, Celso Machado, Saramenha e outros.

Esse bairro é pavimentado, tem água encanada, é todo iluminado com luz elétrica, rede de telefone e internet. O bairro também conta com uma igreja católica e uma praça bem apresentada. Conta também com uma variedade de redes de supermercados como: supermercados BH, EPA, MART MINAS e outros. Há sacolões, açougues e também uma variedade de bares, sorveterias, padarias e outros estabelecimentos. Quatro linhas de ônibus atendem o bairro. 4403 A, C, D, 4410, 53, 2810.

Dentre as crianças atendidas pela Emei, algumas são vistas brincando nas ruas próximas a escola. Outras são vistas brincando no hall dos prédios próximos a Emei.

3.4 Caracterização da turma do Triângulo 2019

A turma do Triângulo é composta por crianças de três anos que estudam no turno da tarde neste ano de 2019. Esse nome “TRIANGULO”, é devido ao projeto institucional deste mesmo ano, intitulado “Vivenciando a música e a expressão corporal”. Disso, a turma escolheu como nome esse instrumento musical. Ela é formada por vinte crianças, sendo dez meninas e dez meninos. A turma não apresentou dificuldades no período de adaptação, sendo que a maioria já frequentava a escola no ano anterior. No mês de março, chegou uma criança

novata, completando assim o número estabelecido pela Prefeitura. A criança chorava somente ao entrar na sala de aula. Logo depois se tranquilizava.

A turma é heterogênea e apresenta características próprias. São alegres e cheios de energia. Apresenta agitação em alguns momentos, o que é normal nessa faixa etária. Um número de quatro crianças demonstra timidez, o que tem melhorado, com intervenção mediadora para um bom desenvolvimento oral e bom relacionamento com o restante do grupo. De modo geral, a turma se relaciona bem e apresenta bons resultados em tudo que lhes é proposto. São solidários uns com os outros, participativos e questionadores. Acompanham as atividades propostas e gostam de realizá-las. Identificam letras do alfabeto, cores, objetos, brinquedos. Reconhecem e tentam escrever o nome, reconhecem os nomes dos colegas, fazem relação números e quantidades ao contar os colegas na sala, cantam e coordenam sons de músicas ensaiadas e espontâneas com movimentos corporais. Acredito que esse bom desenvolvimento se dá por causa das brincadeiras direcionadas como bola, lego e outros brinquedos de montar, letras móveis do alfabeto, noções matemáticas, escritas, movimentos corporais e espaciais aplicados com intenções pedagógicas e lúdicas. Tudo isso é feito utilizando outros espaços físicos da escola que não apenas a sala de aula.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Geografia, espaço físico e educação infantil

Eu, como muitas professoras, acreditava que a geografia estava mais atrelada a mapas, bússolas, conteúdos formais como planícies, planaltos, latitude e longitude que nos foram passados na época em que estudávamos o ensino fundamental ou ensino médio. Diríamos que isso é muito tradicional. Mas, e quando é o professor que é tradicional, o que se deve fazer? Pois bem, eu me refiro a professor tradicional, esse que quer que as crianças pequenas fiquem apenas sentadas, cada uma em seu lugar determinado. As crianças não podem levantar-se, conversar, nenhum movimento sugestivo de desorganização. Porém, esse tipo de movimentação é inevitável quando o professor trabalha com essa faixa etária.

Callai (2005) indica que, para que essa concepção tradicional de geografia seja superada, a busca deve estar centrada no pressuposto básico de que, “para além da leitura da palavra, é fundamental que a criança consiga fazer a leitura do mundo” (p.232). Então, um dos desafios do professor para a educação infantil é conduzir a aprendizagem e ressignificar espaços dentro da instituição de educação infantil, de maneira que a criança tenha possibilidade de compreender o mundo que a cerca. Isso demanda uma concepção de criança e de mundo que serão a base para a possibilidade de ensino e de aprendizagem. É necessário compreender que o espaço não é destituído de realidade, porque ele é constituído de inúmeras oportunidades para todo o processo de aquisição de conhecimento pela criança. Então para mim, isso foi desafio durante todos os dias em que me propus adentrar nesse assunto. Refletindo sobre a minha prática e qual sentido é dado à criança. A aprendizagem nesse caso acontece na interação dos sujeitos que ocupam esse espaço na instituição de educação infantil.

Castelar (2000, p.32, apud CALLAI, 2005, p. 232) afirma que a criança desenvolve a noção de espaço “a partir da sua vivência e do desenvolvimento do seu pensamento”. Importa aqui compreender o significado de saber ler o espaço, e “toda informação fornecida pelo lugar ou grupo social no qual a criança vive é altamente instigador de novas descobertas.” A leitura do mundo é fundamental para

o exercício de direitos e deveres. E essa ação acontece com a criança antes mesmo de ir para a escola.

Aprender a geografia na educação infantil passa por ressignificar o espaço no qual eu estou inserido, e como se dão as relações e interações com as pessoas que a criança convive: os pares. Esse lugar é sempre cheio de história e imagens que ficarão impregnadas nessas crianças, seja na rua, em casa, na escola, e em todos os espaços ocupados por essa criança. Na educação infantil a criança percebe o mundo com o corpo, através dos sentidos. Ela imerge neste espaço. Então a geografia está presente em todas as nossas vivências. Quando sai de casa para ir para a escola, nesse momento em que está indo a um lugar que não é a sua casa, pelo caminho vivencia várias experiências. Ela percebe as condições climáticas, como um dia chuvoso, ou um dia frio, um dia com alta temperatura dentre outros, fazendo a leitura de várias paisagens e vários fenômenos do mundo físico. Essas imagens contribuirão para essa leitura de mundo que a criança faz o tempo todo. E isso, acredito, é fundamental na educação infantil. Como afirma Amorim (2012, p. 196)

O espaço é a materialidade do dia a dia das crianças, o lugar onde brincam e se deslocam, se alimentam, tomam banho, dormem, e principalmente, espaços onde ocorrem as relações entre as crianças.

No espaço da Emei Sarandi as crianças são expostas, todos os dias, a diversas situações de aprendizagens. Quanto à minha prática de um tempo atrás, ao tecer o texto para este trabalho de conclusão de curso, posso a considerar, sem motivação para as crianças. A percepção teórica da importância do espaço para o desenvolvimento infantil se contrapunha à minha prática, pautada na imobilidade das crianças. Por isso, considerava que essas crianças são “levadas, bagunceiras”. Com as atividades de exploração do espaço na Emei Sarandi, com a leitura da Base Nacional Comum Curricular, que afirma que,

“O trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças.”

Percebi que era necessário mudar. A partir dessas reflexões, não havia como não buscar mudança em como tenho conduzido a aprendizagem da turma. Ao ler o artigo de Amorim (2012), bem na introdução, ela já deixa claro que a geografia não tem como ser extinta da rotina das crianças na Educação Infantil. Consigo com clareza, perceber a sua importância. Por isso, tenho a pretensão e a seriedade em dizer que de muitas formas, consegui ser afetada por tudo vivido aqui no Laseb e a convicção de que esse assunto orientado pela professora Maria Carolina, e as vivências proporcionadas às crianças da Emei Sarandi, através das atividades, foram de grande valia para aquisição de aprendizagens para as crianças e para eu mesma. Porque aprendo enquanto ensino.

A Lei de Diretrizes e Base, LDBEN/9394 (BRASIL, 1996) coloca a geografia como uma disciplina obrigatória para o ensino fundamental e para o ensino médio. Essa disciplina tem em seu currículo, ferramentas poderosas capazes de fazerem com que os educandos adquiram conhecimentos geográficos e, além do mais, favoreçam o exercício da cidadania. Se for assim, então na educação infantil, essas ferramentas poderão ser utilizadas. A noção de espaço é construída pela criança e tem uma relação bem estreita com as atividades que são desenvolvidas ou desempenhadas pelos professores nas escolas de educação infantil, tornando-a um elemento curricular, poderoso no desenvolvimento de habilidades. Trata-se, então, de um desafio constante para as instituições de educação infantil a integração das práticas proporcionadas pela Geografia para as aprendizagens das crianças pequenas.

4.2 Construção da noção espacial: como a prática escolar auxilia na ressignificação do espaço como um todo

No tópico anterior, vimos como a geografia pode estar relacionada à questão

do espaço na educação infantil. Ao longo de todas as atividades propostas no plano de ação, compreendo que as crianças se apropriam dos conhecimentos de diferentes formas, construindo e se constituindo como um grupo de seres sociais. Com os movimentos do próprio corpo, a criança explora e ocupa este espaço, além de vivenciar diferentes tipos de relações espaciais, como engatinhar, entrar em túnel colorido, entrar em caixas de brinquedos, rolar no chão, escrever na parede do muro da escola, descer escadas alternando os pés, saltar obstáculos, correr, etc. É dessa forma que as crianças vão construindo, progressivamente, a noção de espaço. Ligada a isso, a criança vai adquirindo a noção corporal ao longo dessas interações.

Ao professor caberá organizar os espaços dentro e fora de sala de aula de forma a colaborar ou potencializar essas aprendizagens. Se olhar por essa perspectiva, o espaço nunca será neutro, mas ele poderá ser estimulador ou limitador de aprendizagens. Quando em 2018 cheguei para a professora do curso Laseb Maria Inês e disse: - “Minha turma é terrível”. Tive como resposta que, “a esse tempo, ainda não sabe o porquê a turma tinha tal comportamento?” Claro, a resposta estava em uma prática deficiente, desprovida de elementos significativos para aquela turma. Essa reflexão levou-me a outro posicionamento, capaz de refazer minha prática consumida pela rotina e por uma ação desmotivadora. Tanto para mim mesma enquanto professora, quanto para a turma em que estava.

Os conhecimentos espaciais serão construídos,

através do fazer, da experiência, da interação com os adultos, com outras crianças, com os objetos e espaços - ou seja, por meio do conhecimento cotidiano. (AMORIM, 2012. p.199).

Vale dizer que o desenvolvimento dos conhecimentos corporais acontece desde que a criança nasce. Nas instituições de educação infantil, ele ocorre desde as turmas de berçário até as turmas de cinco anos. Segundo Callai (2009), a criança vai gradualmente avançando na sua capacidade de reconhecimento e de percepção. Com isso, ela vai ampliando o seu mundo e reconhecendo a complexidade dele. Ela vai superando e ampliando seus desafios diante do mundo que está inserida. A autora ainda de forma muito audaciosa descreve e associa

essa leitura de mundo á leitura da palavra. Relaciona a aquisição da leitura e escrita de palavra com a percepção do mundo, fazendo a criança ser sujeito que elabora e dá significado a palavra/pensamento.

E quando se lê a palavra, lendo o mundo, está-se lendo o espaço, é possível produzir o próprio pensamento, fazendo a representação do espaço em que se vive. (CALLAI, 2005, p.233)

Isso acontece quando a criança consegue fazer a leitura do lugar e da realidade vivenciados no espaço, que é configurado pelo adulto. Em qualquer que seja esse espaço (escola, casa, rua, percurso, parquinho, sala de aula, pátios, parques, morros, avenidas) a criança vai pensando sobre o espaço.

A partir de pequenas intervenções no espaço escolar, é possível ampliar as possibilidades de significados e os pensamentos das crianças em torno deles. Se antes o parquinho era o lugar de brincar, por exemplo, agora, pode-se fazer a leitura de outros espaços que possibilitam ações de brincadeiras. Se a sala de aula era o espaço reservado para atividades de escrever, agora, pode-se dar outro significado ao espaço externo da escola, escrevendo em diferentes ambientes. O refeitório é o espaço onde se faz as refeições, mas também pode ser o lugar de encontrar os colegas de outras salas. O muro da escola, antes apenas pintado, agora serve para fixar plantas ornamentais trazendo beleza ao mesmo. As histórias poderão ser lidas na horta da escola e não apenas na biblioteca. As músicas poderão ser cantadas no hall da escola. Aos espaços damos possibilidades, trazendo vida. Podemos nos apropriar de todos os espaços da escola. Com atividades orientadas, é possível utilizar todos os espaços da instituição, ainda que sejam pequenos.

Como afirma Callai (2005), os diferentes espaços não são espaços construídos naturalmente, todos são construídos no dia a dia. Algumas vezes, demanda-se esse olhar atento do professor para também fazer a leitura do mundo, do espaço, constituído ou construído. Assim, não espero que as crianças de três anos saibam tudo sobre espaços/lugares na perspectiva da geografia, mas, enquanto professora, espero que possa proporcionar vivências nesses espaços, ressignificando-os. Estar apenas na sala de aula, com uma turma de crianças de três anos, dar apenas lego para as crianças, não condiz com uma prática educativa

voltada para a cidadania. Conversar em rodas de conversas sobre o calor ou frio, as paisagens próximas à escola, observar o terreno baldio próximo a escola ser desmatado por tratores e máquinas (diz-se que neste espaço serão construídos prédios da construtora Direcional), observar a chuva caindo no espaço externo além da sala de aula, ver os animais que habitam esse espaço, observar o gavião e seu ninho no alto da árvore, dentre outras, foram direcionando o meu olhar para os fenômenos que constituem o nosso lugar, possibilitando aprendizagens a essas crianças. Com isso, o projeto de intervenção se constituiu em uma experiência rica em componentes significativos por todo o retorno que as crianças me deram, ao buscarem explicações para o porquê de tais fatos acontecerem, podendo construir uma imagem repleta de histórias.

Ainda segundo Callai (2005, p.244) “uma das formas de ler o espaço é por meio dos mapas, que são a representação cartográfica de um determinado espaço”. Assim, quando as crianças representam o espaço parquinho, sendo o espaço que mais gostam, quer dizer que estão apoiadas em dados reais e concretos e não imaginando ou fantasiando. Estão representando o que existe de real. Mesmo não sendo mapa, elas se apropriam de ferramentas para representar um espaço real. Nesse momento, elas estão relacionando mentalmente o lugar para transcrever para o papel. Assim, não basta saber ler o espaço, é importante também saber representá-lo e reconhecer o espaço vivido (CALLAI, 2005, p.244). Pensando sobre ele e reconhecendo-o, observando, descrevendo, comparando e estabelecendo relações, as crianças constroem habilidades necessárias à vida cotidiana. Estas são adquiridas nessa interação com o espaço em que está inserida.

4.3 Corpo e movimento na educação infantil

Nas salas de aula das turmas de três anos, da Educação Infantil (assim como em todas as outras idades da E.I), é comum observar a agitação, a necessidade de movimentar o corpo, cheirar, correr, brincar, tocar, usar objetos escolares e criar inúmeras possibilidades com eles. As crianças sentem necessidade de correr ao fundo da sala e se colocar a brincar tão logo se acaba uma atividade, ou mesmo durante as atividades de escrita do nome, desenho livre, rodinha, dentre outras.

Esse movimento que está presente, muitas vezes causando certo “tumulto”, incomodando alguns integrantes da sala de aula, principalmente, o(a) professor(a), que, muitas vezes, vê essa movimentação como desordem. Essa é uma observação feita por Pereira (2015) e utilizo da mesma, pois também era observado por mim e tantos outros docentes. Ao longo dos anos, esse movimento das crianças na Educação Infantil, foi visto sob uma concepção de indisciplina, porque nós ainda acreditamos que o controle do corpo é um pré-requisito para a aprendizagem. Ou melhor, nós professores acreditamos que quando a criança está quieta, ela está prestando a atenção no que está sendo falado, na história que está sendo contada ou lida, na música que cantarolamos ou na explicação que damos acerca de determinada letra ou o som da mesma. O professor controla a entrada e a saída das crianças na sala de aula, quem vai ao banheiro, bem como aos demais ambientes existentes na instituição de ensino. A fila! Essa é instrumento de ordem para muitas realidades das crianças institucionalizadas.

Na prática da Emei Sarandi são perceptíveis limitações quanto ao uso do espaço. Por exemplo, não se pode usar o espaço em frente à secretaria no tempo que a professora decidir ou as crianças pedirem. Isso porque há um pequeno fluxo de pais/outros que necessitam utilizar a secretaria. Sendo assim, não é possível colocar a caixa de som neste ambiente e deixar as crianças dançarem porque incomodará outras turmas. Questões quanto à movimentação das crianças também emergem na Emei. Uma criança não poderá “andar” sozinha pela escola, porque todos verão essa criança como perdida ou como sendo de uma sala que a professora não está dando conta da turma e está deixando as crianças sozinhas pela escola afora. Há hora para o parquinho; lugar e tempo para o lanche e isso somente pode ocorrer no refeitório. Para o desenvolvimento de atividades de registro, geralmente exige-se da criança uma postura que inibe os movimentos. Quando a criança sai da fila, ouço as repreensões, de modo que o professor está sempre vigiando e corrigindo os comportamentos diferentes daqueles que idealiza. Utiliza a fila como instrumento de poder. Segundo Pereira, (2015, p.10), a partir das análises de Foucault (1987)

O uso da fila permanece presente, o que demonstra uma herança cultural do controle e do poder presente no trabalho com as crianças pequenas.

Isso ainda é bem comum em instituições de educação infantil. Enquanto professora, concordo em partes que o professor deve saber onde está a criança e que a organização do espaço nas escolas é de grande relevância, mas aqui, quero tratar de como as crianças são tolhidas em suas atitudes de movimentos no ambiente escolar, sendo que a criança pequena percebe o mundo através do corpo. Assim, confirmando Pereira (2015) citando Figueiredo,

É com o corpo que entramos em contato com o mundo, o experienciamos, conhecemos seus detalhes, possibilidades e limites. A escola, por meio do cerceamento das ações corporais e espontâneas, e do desenvolvimento de atividades repetitivas e rotineiras, busca o disciplinamento e controle, impondo pensamentos, ritmos, posturas e movimentos padronizados. (FIGUEIREDO, 2009, p.20)

De acordo com Foucault, citado por Pereira (2015, p.9), “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. O autor observa essa relação de poder na escola, assim como em outras instituições (hospitais, quartel, fábrica), e a disciplina é compreendida por ele como “uma anatomia política do detalhe” que auxilia o Estado no controle. Um dos apontamentos de Foucault (1987) em relação à disciplina é o entendimento de que ela “as vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo” (p.122). Concordo com o autor, pois o que vemos são as escolas com cercas e muros, salas de aula com portas fechadas, delimitando os espaços. Desse jeito os professores e demais funcionários controlam quem sai e quem entra. Há hora para o parquinho. Hora de brincar, hora de escrever dentre outros, aglomerar nesse ou naquele espaço... só com planejamento. (Foucault, 1987, p.118 *apud* Pereira). Faz bem ao ver-me antes da escrita deste trabalho, porque era bem assim que me sucedia. Via professores perderem a voz, por um esforço repetitivo em falar e controlar os movimentos das crianças como correr, pular, saltar, dar umas escapulidas pra fora da sala de aula e

outros.

No ano de 2018 tinha uma criança da turma do integral, que “fugia” muitas vezes para ir à horta da escola ou à biblioteca. Constantemente vinham pessoas para dizer-me que tal criança estava perdida pela escola ou estava na horta. Comecei a ver como um “refúgio” “momento de aliviar a tensão” e então não mais me afetava o sair da sala de aula. Quando o procurava com os olhos, estava lá, assentado em meio às plantinhas. Algumas vezes quebrava o pé de tomate, nesses momentos eram vários os comentários. Observei que em alguns momentos, nem sempre, há vários outros movimentos na sala de aula que de certa forma, se não forem compreendidos pelos docentes, dá-se a ideia de indisciplina. Na verdade são expressões de uma necessidade do corpo, que precisa se mover para aprender. Como atravessar a sala de aula para pegar um lápis de cor – que pode facilmente ser achado na mesa ao seu lado, pular nos ombros do colega quando está em fila, entre outras inúmeras formas de movimento que são observadas no cotidiano da Educação Infantil, podem ser lidos como expressões de uma necessidade do corpo, que precisa se mover para aprender. A necessidade de movimento leva a outro aspecto de grande influência no processo de ensino e aprendizagem: o ambiente ou espaço. Na Educação Infantil, o espaço físico e o ambiente educativo são de imensa importância. Esse espaço precisa ser pensado e organizado de forma a contribuir com a ação dos sujeitos que irão interagir com o mesmo.

4.4 Educação ambiental na educação infantil

De acordo com Rodrigues e Saheb (2018), a educação ambiental vai além de um simples contato com a natureza. Abarca também uma interdisciplinaridade que pode integrar as emoções, o respeito com o colega, o sentimento de pertencimento no local em que o indivíduo está inserido, a colaboração, dentre outros aspectos de igual modo relevantes. É exatamente a intenção proposta para essa atividade que é aproveitar o espaço de forma prazerosa e significativa com a turma de 3 anos, por meio do plantio de plantas ornamentais com as crianças e com a participação das famílias das mesmas. É de igual importância conscientizar tanto as crianças quanto a comunidade escolar da Emei Sarandi sobre a preservação da natureza. Ainda que

não haja explicitamente documentos onde seja mencionada a Educação Ambiental na Educação Infantil, as autoras buscam alinhar o assunto aos referenciais teóricos como

...a LDB, que em 2006, sofreu alteração pela Lei nº 11.274/2006 e passou a considerar a Educação Ambiental necessária para a formação básica do cidadão. Em 2012, pela Lei nº 12.608/2012, incluiu-se, no art. 26, § 7º, que, nos currículos da educação básica, a EA deveria constar de maneira integrada aos conteúdos obrigatórios.

Ressalta-se, como já afirmado, que foi com a Lei de Diretrizes e Bases que a EI passou a integrar a Educação Básica; com isso, iniciaram-se propostas pedagógicas para esse nível de ensino, as quais como serão vistas adiante, começaram a incluir a EA. Em 1998, “atendendo às determinações da LDB, foi publicado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)” (RODRIGUES; SAHEB, 2018, p. 576.)

Então discutir aqui um pouco da importância da organização do espaço escolar no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças e o uso do ambiente externo na Emei Sarandi dentro da perspectiva ambiental, justificam a ideia de criar um jardim com suculentas, kalanchoe e mini cactos suspensos em um pallet, deixando esse espaço atrativo, aumentando a sensibilidade dessas crianças e como já dito anteriormente ser apreciado por todos.

Segundo Saheb e Rodrigues, o RCNEI (BRASIL, 1998) revela grandes avanços no que diz respeito à EA na EI. Além disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil, em seu artigo 9º dispõe que o currículo da EI deve ter práticas pedagógicas que:

[...] promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais; [...]

VIII – incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza. (BRASIL, 2010, p.26).

Então, há um grande preocupação com práticas pedagógicas que

ampliem o contato da criança com o meio ambiente, bem como valorizem suas vivências. Para Saheb e Rodrigues (2016, p. 7), as crianças nascem e vivem em um contexto integrante à natureza, desde muito cedo deparam-se com situações decorrentes da intervenção inadequada do homem com o meio ambiente, como, por exemplo, a instabilidade climática e a poluição industrial. Em uma instituição de Educação Infantil, todos os espaços podem contribuir para uma aprendizagem significativa. Quando as crianças perceberam que a área verde dos lotes vagos que ficam próximos à escola, estava sendo devastada, logo surgiu a pergunta: onde estão os bichinhos que moravam aqui? As crianças viram os tratores, que estavam aplainando o terreno. Foi visto o pesar das crianças em ver como agora estava diferente aquele lugar. Várias rodas de conversas sobre o assunto aconteceram. Quando sugerimos a ideia de trazerem mudas de plantas para que plantássemos, não hesitaram em dizer que trariam. O momento da chegada à escola com a plantinha foi marcado de muita alegria. Ao chegarem, vinham carregando com todo o cuidado e equilíbrio, exibindo para todos os presentes que estavam com a plantinha nas mãos. Diziam que iriam plantar e que em uma ação conjunta, estavam contribuindo para preservar o ambiente. Alegria e satisfação pelo conceito de preservar o ambiente, que necessitamos de área verde, os animais moram nas áreas verdes, e outras aprendizagens estavam sendo consolidadas.

5 ANÁLISE DE QUESTIONÁRIOS

Os questionários foram respondidos por dez professoras que compõem o corpo docente da Escola Municipal de Educação Infantil Sarandi. Ao analisar os questionários percebeu-se que 70% das professoras utilizam apenas a sala de aula, para todas as atividades. 20% afirmaram que usam o refeitório e a horta e 10% o espaço lateral, próximo ao muro.

Quanto a reivindicações ou ações junto a InovaBH, empresa privada, que cuida da manutenção das Emeis, que são de parcerias publico- privado, todos são unânimes em dizer que não seria possível ampliar a estrutura física das Emeis, que foram construídas pela Odebrecht.

Sessenta por cento acreditam que as crianças são satisfeitas com o espaço da escola e a forma como são utilizados. As docentes afirmam que utilizam os espaços apenas no que diz respeito à rotina. Por exemplo, vão ao refeitório apenas para se alimentarem, ou no parquinho apenas para brincarem. Noventa por cento acreditam que isso interfere na aprendizagem. Por outro lado, dez por cento das respostas, dizem acerca dessa influencia do espaço na aprendizagem, disseram que não tem nenhuma relação entre espaço e aprendizagem. Nisso percebi uma deficiência na elaboração do questionário. Pois se eu estivesse em seguida perguntado sobre quais intervenções são feitas para garantir aprendizagens significativas às crianças, poderia esclarecer melhor a análise. Ao perguntar as crianças sobre qual espaço elas mais preferem estarem no ambiente da escola, todas responderam de igual modo, que o lugar que mais apreciam é o parquinho.

6 PLANO DE AÇÃO

Neste plano de ação estão descritas as atividades realizadas com a Turma do Triângulo no decorrer do 1º semestre.

Em um primeiro momento, foi proposto utilizar o hall de entrada com brincadeira direcionada, porque percebo que as crianças acreditam que só o parquinho é o lugar de brincar. Levamos a caixa de som para momentos de musicalidade. Essa atividade possibilitou tanto apreciar as músicas como movimentar-se ao ritmo dela. As crianças foram gesticulando, repetindo gestos direcionados pela professora e pelas músicas. Foram ouvidas músicas como estátua, pulguinha, sítio do Seu Lobato e outras mais.



Imagem 1: crianças cantando no hall de entrada. Fonte: arquivo da autora, 2019.

Em seguida, foi utilizado o corredor do primeiro andar para atividade de escrita do nome, isso foi conversado antes com as crianças. Para que não escrevessem nas paredes da própria casa. Mas que li naquele lugar, apenas, era permitido escrever. Para desmistificando que só assentado na mesinha em sala de aula é o lugar de escrita.

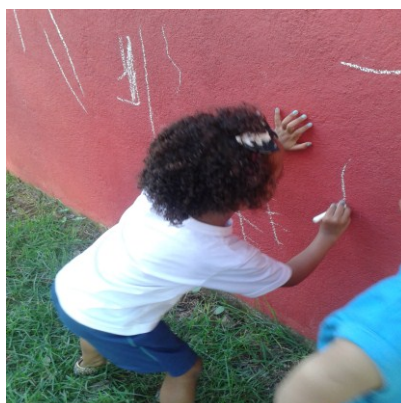


Imagem 2: criança escrevendo no muro do corredor do primeiro andar. Fonte: arquivo da autora.

Também colocamos um obstáculo na parte externa próximo ao parquinho para que pudessem brincar, ultrapassando-o.



Imagem 3: criança ultrapassando obstáculo. Fonte: arquivo da autora.

Também fizemos rodinhas de conversas no corredor do primeiro andar. Neste espaço, fizemos rodas para tratarmos de assuntos referentes ao dia a dia das crianças. Observei que, tanto no hall de entrada quanto no corredor do primeiro andar, as crianças ficaram bem a vontade para realização da atividade proposta, porém na entrada (hall) foi observado um desconforto por parte dos adultos que se incomodavam com aquelas crianças naquele espaço. As pessoas passavam e perguntavam “O que você está fazendo aí professora?”, respondia que estávamos conversando. Olhavam e paravam para ouvirem o que estávamos conversando. Nos momentos de musicalidade, onde levava a caixa de som, também eram percebidos olhares do tipo, “a música está em volume alto.” Mesmo que tivesse tomado o cuidado de colocar em um volume adequado.

Contamos histórias em vários espaços como na biblioteca, horta, sala de aula, tanto para a turma do triângulo como para demais turmas. O trabalho aconteceu de forma bem prazerosa tanto para mim, a professora, quanto como para as crianças.

No que diz respeito à educação ambiental, a discussão começou a partir de uma escuta, onde, conforme mencionado acima, uma empresa privada, na intenção de construir prédios em um espaço externo ao lado da escola, cortou árvores de um lote próximo a Emei. Trata-se de um loteamento grande, do qual não tenho as

medidas da área. Quando perceberam o trator “limpando” essa área, cortando e derrubando, as crianças ficaram preocupadas e perguntaram “onde os passarinhos iriam morar agora”, uma vez que as árvores foram cortadas. Daí, comecei a motivá-las a pensarem em outras questões ambientais como a preservação da fauna e flora em volta da nossa escola. Ao final propusemos a atividade que consiste em plantar mudas de plantas. Isso seria uma pequena contribuição nessa preservação ambiental. Foram enviados bilhetes para as famílias trazerem as plantas e as garrafas pets onde seriam plantadas. Nisso deveriam escolher dentro das opções – suculentas, kalanchoes, mini cactus. Assim, a professora cortou a garrafa e a escola ofereceu a terra. Fomos para o espaço próximo a horta e cada criança retirava a quantidade de terra e colocava a planta. Depois deveriam molhar e colocar no espaço destinado. Amarramos cada uma das garrafas no pallet que será dependurado no muro da escola.



Imagem 4: crianças realizando plantio. Fonte: arquivo da autora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa reflexão da prática pedagógica, consigo perceber a importância da formação do professor, para identificar quem é a criança que está ao seu lado e o que ela necessita para agir de forma autônoma. Esse aspecto faz diferença em toda a prática educativa. Assim como nós, professores e demais adultos, as crianças são indivíduos com desejos, emoções, direitos, necessidades, expectativas, curiosidades. E essa individualidade é que as tornam capazes de selecionar o que querem ou não fazer, resistir ou acatar aquilo que é proposto, pegar investigar, apreciar, dentre outras ações que realizam cotidianamente, em casa e na escola (PEREIRA, 2015). Durante todo o processo, tanto de escrita, como de execução de atividades foi de grande relevância esse conhecimento.

Como foi grande a mudança! As vivências no curso Laseb muito contribuíram para que houvesse essa transformação de perspectiva na forma de trabalhar. Pela vivência no curso, pude perceber que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas que são estabelecidas entre o sujeito e o meio. Essa ideia é clara para a educação. Ela faz referência a Piaget, Wallon e Vygotsky, já muito conhecidos para nós professores. Para que o professor promova ações educativas que salientam a aprendizagem, é necessário unir teorias e práticas. Nossa prática foi modificada porque as aulas que tivemos foram eficazes para que refletíssemos acerca das mesmas.

Essas crianças todos os dias são expostas a diversas situações de aprendizagens. Pode-se avaliar a prática de um tempo atrás, ao tecer o texto para este trabalho, posso a considerar, sem motivação para as crianças. Essa percepção teórica se contrapunha à prática, pautada na imobilidade das crianças. Daí considerar que as crianças eram “levadas, bagunceiras”. Elas sempre demonstram curiosidades sobre o mundo físico, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação, e o mundo sociocultural. E as disciplinas vieram fazer essa ponte entre teoria e prática, possibilitando que nós, professores, principalmente os que atuam na Educação Infantil, tenhamos práticas significativas causadoras de aprendizagens para as crianças pequenas. É possível criar

ambientes instigantes de aprendizagens, aguçando a curiosidade desses pequenos. Ao professor cabe uma intencionalidade de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais, nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, no encontro com as pessoas. Claro que, essas mudanças em nós professores se dão através de processos. Todos os dias nascem o desejo de mudança, em algumas pessoas, e está à altura das mãos de todos. Possibilidades de reflexão, mudança, a partir do momento que se tem como foco a criança, mesmo que o processo seja lento.

Quero ressaltar também a direção da escola que apoiou todo o trabalho, nas reuniões com as famílias no início do ano, falando da proposta de trabalho. As famílias também foram extremamente receptivas e apoiaram em tudo que foi solicitado, inclusive nos comentários das crianças em casa e apresentando satisfação em deixar a criança na escola.

Anexos

Questionário aplicado ao corpo docente da escola municipal de educação infantil Sarandi

Nome: _____

1- Qual espaço da escola você mais utiliza na sua rotina?

2- Nas avaliações da “Inova” é possível reivindicar uma melhor expansão territorial?

3- Você percebe se os alunos estão satisfeitos com o espaço físico da escola?

4- Como você organiza o seu tempo considerando os diferentes espaços?

5- Acredita que o espaço físico influencia a aprendizagem?

6- Dê sua opinião em relação o espaço físico da escola:

Sala dos professores () Bom () Ruim () Ótimo

Sala de aula () Bom () Ruim () Ótimo

Parquinho () Bom () Ruim () Ótimo

Refeitório () Bom () Ruim () Ótimo

7- Você considera que a escola precisa de intervenção da engenharia para ampliação do espaço externo da Emei?

REFERÊNCIAS

AMORIM, Leticia Guimarães. A geografia e educação infantil: vivenciar e aprender a geografia por força do próprio cotidiano- a construção da noção espacial. In: BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Org.). **Formação continuada de docentes na educação básica (LASEB):** impactos dos planos de ação nas escolas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96)** Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria das Graças. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

RODRIGUES, Daniela Gureski; SAHEB, Daniele. A educação ambiental na educação infantil segundo os saberes de Morin. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** [online]. 2018, vol.99, n.253, pp.573-588. ISSN 0034-7183. <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i253.3607>.

PEREIRA, Mariza Aparecida. O corpo em movimento na educação infantil. 2015.